

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

**ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DAS ESTRUTURAS COM OS VERBOS
‘SER’ E ‘ESTAR’: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA E CONTRASTIVA**

Brasília

2013

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

**ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DAS ESTRUTURAS COM OS VERBOS
‘SER’ E ‘ESTAR’: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA E CONTRASTIVA**

Vittor Azevedo Serra

Monografia desenvolvida sob orientação da Prof^a
**Dr^a Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida
Salles**, a ser apresentada na conclusão do curso de
graduação em Letras/Português da Universidade de
Brasília.

Brasília

2013

Aos meus pais, Francisco e Lidia.

*in principio erat Verbum et
Verbum erat apud Deum
et Deus erat Verbum*

Vulgata

AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai celestial, que é sempre comigo.

Aos meus pais, Francisco e Lúdia, pelo apoio, aconselhamento e palavras de incentivo.

Aos meus irmãos, Ronnan, Samuel, Diego, Mariana e Simone, pela torcida e momentos de descontração.

A minha orientadora, Heloisa Salles, pelos mui preciosos encontros acadêmicos e pelo incentivo ao meu crescimento universitário.

À Universidade de Brasília e ao Departamento de Português, Linguística e Línguas Clássicas, pela oportunidade de me desenvolver intelectual e profissionalmente.

Aos meus amigos da universidade e aos demais que a vida me oportunizou cultivar.

RESUMO

Este trabalho consiste em investigar a codificação de aspecto e tempo gramatical, tendo como base o papel dos verbos ‘ser’ e ‘estar’ em predicados estativos na língua portuguesa e no espanhol. O estudo está inserido em projeto de pesquisa que investiga a manifestação de categorias lexicais e funcionais na estrutura oracional, assumindo-se um enfoque gerativo, em termos da abordagem de Princípios e Parâmetros, tal como formulada no programa minimalista de investigação das línguas naturais (cf. Chomsky 1995, 2001). Serão discutidos os conceitos de aspecto lexical e gramatical, bem como a distribuição desses verbos na codificação dessas propriedades. Na análise, partimos da tipologia aspectual proposta nos estudos de Vendler e Dowty, em que é adotada, pela análise sintático-semântica dos predicados, a ideia de telicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo, Aspecto, Ser, Estar.

ABSTRACT

This work aims at investigating the encoding grammatical aspect and tense, taking into consideration the role of the verbs 'ser' and 'estar' in stative predicates, in Portuguese and in Spanish. This study is part of a research project that investigates the manifestation of lexical and functional categories in the clausal structure, assuming a generative framework in terms of the Principles and Parameters approach, as formulated in the minimalist program of investigation of natural languages (cf. Chomsky 1995, 2001). We will discuss the concepts of lexical and grammatical aspect, as well as the distribution of these verbs. In the analysis we assume the aspectual typology initially presented in Vendler's and Dowty's works, which adopt the idea of telicity.

KEY WORDS: *Tense, Aspect, Verb to be.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
METODOLOGIA	11
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
1. TEMPO E ASPECTO VERBAIS	14
1.1. Tempo	14
1.2. Aspecto	17
2. ABORDAGEM EM GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	20
3. ANÁLISE DIACRÔNICA	24
3.1. Latim	24
3.2. Português arcaico	27
4. TRANSITORIEDADE E PERMANIVIDADE	31
5. ‘SER’ E ‘ESTAR’ E OS SINTAGMAS	34
5.1. Sintagma adjetival	34
5.2. Sintagma adverbial	36
5.3. Sintagma preposicional	39
5.4. Sintagma verbal – perífrases	40
6. FLEXÕES TEMPORAIS E EXPRESSÕES ADVERBIAIS	45
7. O PORTUGUÊS E O ESPANHOL	48

CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
-----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
---	-----------

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar a manifestação de propriedades aspectuais em estruturas oracionais que envolvem os verbos estativos ‘ser’ e ‘estar’ na língua portuguesa, considerando as raízes latinas e as mudanças lexicais e oracionais que vieram ocorrendo ao longo das épocas com o frequente uso de tais verbos, a fim de explanar algumas indagações a respeito do uso desses estativos.

Atribuindo, em um primeiro momento, traço de permansividade para o verbo ‘ser’ e de transitoriedade para ‘estar’, é posta em questão a possibilidade de uso do verbo ‘ser’ em estruturas transitórias e do verbo ‘estar’ em orações permansivas. Nessa oposição, identifica-se a relação entre atributos inerentes e atributos temporários, referidos tecnicamente como propriedades de nível individual e de nível de estágio (*individual and stage level*), conforme proposto originalmente em Carlson (1977). Provavelmente isso se explica devido a características lexicais as quais eram mais patentes no latim ou no português arcaico e que ainda se manifestam, porém visíveis apenas na combinação com outros elementos gramaticais/lexicais.

Partindo dessa questão, indaga-se sobre quais elementos frasais interferem na interpretação aspectual e temporal de predicados estativos, com os verbos ‘ser’ e ‘estar’. As flexões temporais, por exemplo, podem provocar mudança na interpretação de aspecto e tempo. Não obstante, é necessário entender até que ponto isso pode ocorrer. É interessante notar que a telicidade pode ser incorporada dependendo da codificação temporal: *Maria está triste* [–télico] e *Maria esteve triste* [+télico], além dos demais tipos de sintagmas, que podem causar essa mudança. A simples troca de uma preposição é capaz de interferir na sintaxe e na semântica da oração, resultado da seleção da predicação. A interferência de uma expressão adverbial, por exemplo, devido à preposição pode ser vista nos exemplos: *Carla foi feliz por/*em dez anos*.

Para procurar responder a tais questões, propomos a análise dos verbos estativos em uma perspectiva diacrônica, tendo em vista a hipótese de que os sentidos que lhes eram atribuídos em fases anteriores da língua demonstram distintas características, o

que permite identificar que tipo de transformação houve para que se chegasse ao uso no período atual.

Na discussão, será dada uma breve introdução sobre algumas definições e implicações de tempo e aspecto verbal, com respeito à distinção entre o aspecto lexical e gramatical ou flexional. Tal distinção pode ser formulada em termos da relação entre o léxico e a sintaxe, mediante a identificação tanto do tipo de eventualidade (que abrange eventos e processos), quanto das propriedades definidas pelas flexões verbais na relação com categorias funcionais. Desse enfoque, resulta o estabelecimento de uma tipologia de eventos, sendo particularmente influente a chamada classificação de Vendler & Dowty, em que se distinguem, por um lado, predicados marcados como télicos (culminações/ *achievements* e processos culminados/ *accomplishments*) e, por outro, predicados atélicos (processos), os quais, por sua vez, distinguem-se dos estados, em termos do traço de dinamicidade. Enquanto os estados são marcados pelo traço [-dinâmico], as culminações, os processos culminados e processos são marcados pelo traço [+dinâmico] (cf. Verkuyl 1993).

O último tópico do trabalho abordará as pesquisas referentes às diferenças de uso dos verbos ‘ser’ e ‘estar’ entre a língua espanhola e a portuguesa. O fato de a oposição entre esses verbos ser uma característica que se observa no português e no espanhol – línguas originadas do latim e situadas na península ibérica –, a condição geográfica permite caracterizar tal fenômeno como de manifestação areal. No entanto, existe contraste em relação ao uso desses verbos entre as duas línguas, conforme indicado a seguir: Port. *Está casado (com Maria) / É casado (com Maria)*; Esp. *Está casado (con María) / Es casado (*con María)*.

Tendo em vista a relação entre o aspecto lexical e gramatical e os pressupostos da abordagem gerativa, em que se postula a projeção sintática de tais propriedades em categorias lexicais e funcionais (cf. Chomsky 1995, 2004), propõe-se investigar as condições que determinam a projeção sintática desses contrastes, além das implicações para a distinção translinguística.

METODOLOGIA

Considerando o viés diacrônico proposto às predicções com ‘ser’ e ‘estar’, são feitas análises de fragmentos de textos latinos apresentados no Dicionário Latino-Português, do filólogo e latinista Saraiva (2006), os quais são utilizados para exemplificar as significações que continham no étimo ‘esse’ e ‘sedere’. Estudos linguísticos de diacronia citam esses termos latinos como origens de ‘ser’ e ‘estar’.

Para os estudos do português arcaico foram coletados dados linguísticos da obra de Matos e Silva (1993), a qual aborda questões de morfologia e sintaxe e, comparativamente, explicita quais as distinções na formação sintático-semântica das estruturas linguísticas entre latim e o português arcaico. Não é possível traçar um panorama na linha do tempo sem que haja um longo período do qual não se encontram registros de escrita. A título de exemplo, Cícero, orador e filósofo latino, de quem são analisadas frases, viveu por volta do século I a. C. (Garcia, 2008); já o documento mais antigo do português arcaico de que se tem conhecimento data do século XIII d.C., *Demanda do Santo Graal* (Castilho, 2010).

O uso contemporâneo de ‘ser’ e ‘estar’ tem base nos dados apresentados nas pesquisas linguistas de Mateus et al. (2003), referente ao português de Portugal, e de Castilho (2010), que analisa o português do Brasil; entre outros. Os estudos de gramáticos também serão citados a fim de mostrar a escassez de casos e a nomenclatura limitada que apresentam em suas gramáticas com relação aos “verbos estativos”. Em contrapartida, algumas abordagens são relevantes para determinadas problematizações que serão aludidas. Em geral, a análise do português será para discussão das questões atuais na língua, derivadas de traços sintático-semânticos não tão claros, porém presentes na codificação desses verbos.

As análises entre o português e o espanhol estão embasadas nos dados presentes em Zagona & Contreras (s/d), Hoyos (1980) e Camacho (2012), os quais ora fazem comparação entre as duas línguas, ora trazem usos apenas na língua espanhola, que facilmente se diferenciam da nossa língua – bastando tão somente um teste sintático comparativo para que a distinção se torne patente.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O estudo examina a manifestação dos verbos ‘ser’ e ‘estar’ na estrutura oracional, tomando por referência os conceitos de permansividade e transitoriedade, conforme formulados em Carlson (1977). À primeira vista, os verbos ‘ser’ e ‘estar’ apresentam funções específicas, sem jamais se confundirem entre si, isto é, o primeiro é usado para apresentar uma ideia de coisas permanentes ou pertencentes a um indivíduo, por meio da predicação atributiva, equativa ou qualificadora; e o segundo, usa-se para predicações transitórias ou situações formadas por estágios limitados de tempo.

Entretanto, ao considerar frases como *José está morto* e *José é mestrando*, é possível questionar aquelas que seriam as funções originais desses verbos. Procura-se saber, portanto, até que ponto é possível usar um verbo em função do outro, bem como o lugar sintático exclusivo de cada um deles, buscando as situações em que os dois aparecem indiscriminadamente e em que apareçam traços das origens latinas e arcaicas, para uma explicação diacrônica para essa (in)flexibilidade no uso. Analisa-se também se as propriedades dos sintagmas selecionados em cada estrutura influenciam na seleção de ‘ser’ e ‘estar’.

Observa-se ainda que a interpretação das diferentes predicações em que se manifestam os verbos ‘ser’ e ‘estar’ no espanhol e no português (Zagona & Contreras, s/d) é determinada pelo uso das flexões temporais na mudança temporal e aspectual (Mateus, 2003). Analisa-se também se para quaisquer situações em que há uma mudança flexional a interpretação sintático-semântica da frase é alterada. Neste ponto, inclusive, parecem ser poucas as distinções entre as duas línguas contrastantes.

Tendo como referência verbos usados em construções frasais no latim, considerando a descrição lexicográfica de Saraiva (2006), além de dados do português arcaico, é levantada a discussão de problemas em relação aos traços de animacidade (Castilho 2010; Matos e Silva, 1993), com base na manifestação plena no período arcaico de ‘ser’ e ‘estar’: o primeiro significando *estar sentado* e o segundo, *ficar de pé*.

Retomamos a distinção entre o português e o espanhol a partir da análise de Zagana & Contreras (s/d), que distinguem os verbos ‘ser’ e ‘estar’ com os dados: *ser casado* (**con María*) / *estar casado* (*con María*). Por meio de testes com vários tipos de sintagmas e com referência aos “adjetivos transitivos”, tendo como base na abordagem minimalista, chegam à conclusão de que o verbo ‘estar’ seleciona uma estrutura sintática mais complexa:

$$[_{Sa^*} \text{arg } a^* [_{SA} A \text{arg}]]$$

Por essa estrutura seria possível a inserção de outros complementos. A estrutura de ‘ser’, por outro lado, seria mais simples, o que impede a ligação com outros elementos. Subentende-se a seleção seguinte:

$$[_{SA} A]$$

Essas postulações serão usadas para a comparação com o português, a fim de que algumas distinções sejam explicitadas, uma vez que a agramaticalidade citada pelas autoras espanholas não condiz com as possibilidades no português. Porém essas diferentes estruturas apresentadas podem explicar o fato de que, em algumas construções próprias para ‘ser’, o verbo ‘estar’ pode substituí-lo sem alteração na interpretação da frase; porém o mesmo não ocorreria em se tratando de construções próprias de ‘estar’ – o que será abordado no último tópico deste trabalho.

1. TEMPO E ASPECTO VERBAIS

Em quaisquer estruturas oracionais, as categorias de Tempo e Aspecto possuem estrita relação no que diz respeito a suas interferências, por vezes simultâneas, na decodificação de predicções estativas no português. O tempo refere-se à posição de determinada situação num eixo temporal; o aspecto, à maneira pela qual é vista essa situação. A perspectiva que o aspecto toma não pressupõe tempo algum, uma vez que se refere à situação internamente, não sendo possível visualizar sua situação temporal, que aparece externamente (Castilho, 2010: 418).

O tempo é uma categoria dêitica, isto é, aparece com referência a outro tempo, normalmente o da fala. Aspecto é uma categoria simbólica, pois se refere à situação em si e porque lança mão de símbolos para qualificar ou quantificar uma situação, independentemente da posição externa, ou seja, sem relação direta com o ponto de fala.

Será feita uma breve explanação quanto ao conceito e às manifestações dessas categorias dentro de estruturas com ‘ser’ e ‘estar’, a fim trazer à tona os vários pontos de vista e as nomenclaturas atribuídas pelos linguistas e gramáticos a esses verbos. Destacam-se os exemplos pertinentes ao presente estudo para confirmação ou confronto dos pressupostos apresentados.

1.1. TEMPO

Tanto na língua portuguesa quanto nas demais línguas românicas, o tempo refere-se à localização de situações que são expressas por meio do discurso (Mateus et al., 2003). Os tempos dos verbos são os elementos linguísticos capazes de exprimir essa localização, assim como certos advérbios e outras construções temporais. A localização temporal tem sempre outro tempo como referência, podendo ser o momento em que a informação é transmitida, ou outro especificado. Durante toda uma sentença é possível haver vários pontos que ora explicitam ora confirmam uma temporalidade qualquer.

O tempo presente refere-se ao momento da fala, o que significa dizer que passado e futuro são perspectivas conceptuais, como também o eixo temporal em que é situado o evento/estado. A informação temporal de uma situação abrange tanto a sua localização no eixo do tempo quanto o espaço ou o “pedaço” que vai ocupar nesse eixo, sendo esse “pedaço” um intervalo de tempo, uma relativa durabilidade. Aqui se evidencia a manifestação simultânea do tempo e do aspecto, pois são formas aspectuais aquelas pelas quais a situação se mostra nesse eixo temporal.

Os três pontos primários na linha do tempo são o ponto da fala (F), o ponto do evento (E) e o ponto de referência (R). Sendo esta uma categoria dêitica, devido a sua referência de mundo, e considerando a flexão dos verbos para determinar tempo, modo, aspecto, pessoa e número, os exemplos a seguir com verbos acionais (Mateus et al., 2003: 131), são válidos também com os verbos ‘ser’ e ‘estar’. A flexão gramatical de qualquer verbo exprime essa localização no eixo do tempo.

- (1) A Maria vive no Porto.
- (2) O Pedro saiu.
- (3) O Pedro tinha saído quando Maria telefonou.

A circunstância apresentada na predicação pode abranger o evento da fala e um espaço para o passado e para o futuro sem limite determinado, com o encontro simultâneo dos pontos (1); pode também possuir toda sua realização no passado, com a referência e o evento em mesmo ponto, o qual é anterior ao de fala (2); e é capaz de posicionar um evento anterior ao ponto de referência, que por sua vez é anterior ao ponto de fala (3).

É importante notar também que elementos adverbiais influenciam na distância, a partir do ponto de fala, que determinada circunstância sugere.

- (4) a. Pedro saiu de casa **ontem**.
- b. Pedro saiu de casa **ano passado**.

Em se tratando dos verbos ‘ser’ e ‘estar’, a flexão temporal também posiciona a situação, sendo ‘ser’ essencialmente capaz, no tempo presente, de abranger todo o eixo de tempo (5), enquanto ‘estar’ seleciona uma parte, extensa ou curta, mas certamente

limitada, a fim de explicitar a possibilidade de término do estado ou para enfatizar o estado presente ou atual (6) – em se tratando de sintagmas adjetivais.

(5) Carla **é** feliz.

(6) Carla **está** feliz.

Quando no pretérito, ‘ser’ toma um espaço bem maior no eixo em comparação a ‘estar’ (7). E mais, expressa fortemente a ideia de uma situação que não poderá mais ocorrer. Em (8), ‘estar’ sugere a mesma ênfase do seu uso no presente, sempre com relativa limitação e com alusão a um recorte temporal:

(7) Carla **era** / **foi** feliz.

(8) Carla **estava** / **esteve** feliz.

Talvez o caráter originalmente transitório de ‘estar’ o torna um verbo utilizado para situações mais próximas ou para períodos e situações mais breves e específicas (10). Já o verbo ‘ser’ aparenta referir-se a um estado *lato sensu*, amplo, capaz de estender o estado circunstanciado (9). É possível observar esses fenômenos com uso de outras expressões adverbiais que explicitam essa distância a partir da seleção e extensão circunstancial.

(9) Realmente, Rosa ***estava** / **era** muito feliz **na juventude**.

(10) Realmente, Rosa **estava** / ***era** muito feliz **ontem na festa**¹.

É incabível que se fale nos tempos gramaticais sem lançar mão de valores aspectuais, pois ao mesmo tempo em que as duas categorias se diferenciam, apresentam-se unidas morfossintática e semanticamente. Essas postulações aqui esboçadas serão mais bem detalhadas nos próximos tópicos – após uma explanação do aspecto e das origens de ‘ser’ e ‘estar’.

1.2. ASPECTO

¹ É possível a estrutura ‘Rosa **foi** muito feliz na festa ontem’, porém no sentido de *ter tido sorte*.

A categoria aspecto “fornece informações sobre a maneira como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase” (Mateus et al., 2003). A partir dessa visão, é possível identificar uma situação que se repete, se inicia, termina, está num eterno contínuo, etc. Não é necessário saber se a situação foi temporalmente alocada no passado, no presente ou no futuro. É possível inserir uma mesma situação nos três tempos gramaticais tendo todas o mesmo valor aspectual.

Uma das primeiras e mais importantes definições de aspecto é do linguista Comrie, em *Aspect* (1976), cujos estudos influenciam ainda hoje as pesquisas a respeito do assunto. Segundo ele: “aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation” (1976: 3).² As análises aspectuais estão condicionadas à maneira pela qual a situação é vista internamente, de forma a construir um campo de estudo com a sintaxe e a semântica simultaneamente. O linguista retoma também uma definição de J. Holt (*Études d’aspect*, 1943: 6), o qual afirma: “*les manières diverses de concevoir l’écoulement du procès même*”, ou seja, “different ways of conceiving the flow of the process itself”³.

Contemporaneamente, a autora portuguesa Fátima Oliveira define aspecto como sendo a categoria que “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação” (Mateus et al., 2003: 129).

Essa definição é retomada por outros autores, e recentemente pelo linguista Castilho (2010: 417), o qual afirma que o aspecto pode ser assim definido:

É uma propriedade da predicação, que consiste em representar os graus de desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender. O termo *aspecto*, que encerra o radical indoeuropeu *spek*, “ver”, capta outra propriedade dessa categoria: trata-se de um ponto de vista sobre o estado de coisas.

² “Aspectos são formas diferentes de conceber a constituição temporal interna de uma situação”.

³ “As diferentes formas de se conceber o fluxo do processo em si”.

Segundo este linguista, é como se o falante, transportado para além das situações apresentadas, as visse de fora, na possibilidade de visualizar o estados das coisas que ele mesmo acionou, “separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba, e (iii) o que se repete”. Esta é uma definição prática, uma vez que propõe uma visão mais concreta da forma na qual o aspecto se apresenta, embora à primeira vista se corra o risco de restringir os tipos aspectuais dentro dessas três características gerais.

Fátima Oliveira faz a descrição dos tipos de aspecto, separando a princípio os verbos de *evento* e os verbos de *estado*, sendo os primeiros os que explicitam situações dinâmicas, e os últimos, situações estáticas. Portanto, os eventos [+dinâmicos] contrastam com os estados [-dinâmicos] quanto a este traço de dinamicidade (Verkuyl, 1993).

Os eventos podem tender para uma finalização – *télicos* – ou não – *atélicos* – (do grego *telos*, ‘fim’), considerando que cada um deles pode ter ou não duração. Os eventos atélicos compreendem os chamados *processos*. Já dentro dos eventos télicos, temos aqueles que denotam certa duração e o seu fim, na linha espaço-temporal, que são os chamados *processos culminados*; e os que não possuem duração, ou apenas uma duração mínima e desprezível, que são as *culminações*.

Castilho (2010), por sua vez, considera na prática todas as definições de Fátima Oliveira, mas fazendo uso de outras nomenclaturas.

Esse aporte teórico parece mais claro quando tratamos de verbos acionais, com os quais existe uma ação descrita. No entanto, em se tratando dos verbos ‘ser’ e ‘estar’, a abordagem dessa teoria toma uma forma mais restrita, pois não se trata de verbos de ação. Aqui se diz que uma predicação pode ser [+/-permansiva] ou então [+/-transitória], conclusiva (perfectiva) ou aberta (imperfectiva). Essas características se tornam mais claras quando aparecem outros elementos sintáticos na frase, como os adjuntos adverbiais.

Nos verbos estativos, essa extensão e duração têm a ver com a permanência e a transitoriedade de um estado apresentado. Em um primeiro momento, talvez devesse causar estranheza construções que põem em dúvida a permansividade de ‘ser’, quando aparece em predicação transitória (11), e a transitoriedade de ‘estar’, quando em frase

com sentido permanente (12). Mas haveria agramaticalidade na tentativa de combinação.

(11) Maria **é** **mestranda**. / *Maria **está** mestranda.

(12) Maria **está** **morta**. / ?Maria **é** morta.

Essa comparação exposta nas frases é semântica. Percebe-se que o sinal ‘?’ evidencia certa falha nessa comparação em nível sintático. Em (11), na estrutura apresentada, composta de sintagma adjetival, o verbo ‘ser’ possui exclusividade. Em (12), houve uma tentativa de apresentar uma estrutura em que ‘estar’ possui uma relativa exclusividade. E de fato há. Porém, no lugar do adjetivo, há um verbo participial. Algumas gramáticas normativas aludem a essa estrutura, o que nos ajudará a entendê-la.

A partir desses exemplos, pressupõe-se que, em se tratando de sintagmas adjetivais, ‘ser’ e ‘estar’ se comutam livremente, atribuindo respectivamente traço [+permansivo] e [-permansivo] à frase, como é mostrado em (5) e (6). Essas estruturas formadas por sintagmas nominais, ‘ser’ possui exclusividade, pois se trata de predicação equativa, em que um sintagma nominal possui equivalência sintática e semântica. Por outro lado, em um perífrase de particípio, há uma presença larga de ‘estar’, para denotar uma situação atual de determinado ser. Porém não se exclui o uso ‘ser’ em particípio (15) (68). Como será visto, o verbo ‘estar’ possui exclusividade em perífrases de gerúndio.

Fazem-se necessários outros testes com os demais tipos de sintagmas, para verificar se o verbo ‘ser’, de fato, pode ocupar o espaço de ‘estar’, sem maiores problemas. Esses espaços exclusivos e comutáveis entre esses dois verbos serão abordados adiante.

2. ABORDAGEM EM GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Eventos e estados são os tipos de situações que podem ser localizadas na linha temporal – presente, passado e futuro. Serão apresentados os estudos relativos às predicções estativas com os verbos ‘ser’ e ‘estar’, a fim de se analisar a importância e o comportamento que lhes são atribuídos dentro de gramáticas contemporâneas.

As novas edições de algumas gramáticas normativas apresentam estudos de linguistas, especialmente quando não há consenso quanto à classificação dos verbos em questão. Para Bechara (2009), baseado em estudos de linguistas, a distinção entre predicado verbal e predicado nominal (que seleciona os estativos) é válida apenas no campo da semântica. Porém no campo sintático, o núcleo da oração é sempre o verbo, colocando ‘ser’ por exemplo no mesmo nível de importância que os demais verbos não copulativos, uma vez que flexionam em pessoa e número, em concordância com o sujeito da oração. Benveniste e Said Ali são os linguistas citados (Bechara, 2009: 209).

Durante uma extensa explanação sobre as perspectivas possíveis de tempo, utilizando-se sempre de exemplos com verbos acionais, Bechara (2009) apresenta o verbo ‘estar’ aparece em perífrases de gerúndio para especificar o espaço entre o início e o término de uma ação qualquer (13) e o início da ação, que se refere ao aspecto chamado ingressivo ou inceptivo (14):

(13) **estar fazendo**

(14) **estar para escrever**

Já o verbo ‘ser’ (um dos dois verbos anômalos existentes, ao lado de *ir* – Bechara, 2009: 226) tem seu lugar em perífrases de particípio na estruturação da voz passiva (Rocha Lima, 2012: 189; Cunha & Cintra, 2008: 399) e raramente na voz ativa, semelhantemente aos depoentes latinos⁴, como (15):

⁴ “Os verbos depoentes apresentam a morfologia passiva (seguem a conjugação da voz passiva) e o significado ativo (seguem a tradução da voz ativa). (...) As formas pessoais ou formas conjugadas flexionam-se exatamente da mesma maneira que as formas correspondentes das conjugações regulares na voz passiva.” (Garcia, 2008: 163-4)

(15) **Era chegada** a ocasião da fuga. (Bechara, 2009: 231)

Depois, os verbos ‘ser’ e ‘estar’ aparecem ao lado de *ficar*, *permanecer*, *parecer* para a formação da estrutura predicativa (Bechara, 2009: 424). Semanticamente eles seriam de referência pouco clara, atribuindo ao predicativo o valor de argumento o qual possui estrita relação com o sujeito e com o próprio verbo, mais que com os verbos ditos significativos. Formalmente, a construção predicativa tem a mesma estrutura sintática que uma frase com verbo acional, pois ambos os tipos levam em conta a concordância número e pessoa, a mesma posição na frase, a possibilidade de comutação por pronomes átonos (16) e a equivalência a orações com ideia processual (17).

(16) João **é meu irmão**. / João **o é**.

(17) a. Pedro **é cantor**.

b. O Pedro **canta**.

O objetivo aqui é mostrar que não há por que diferenciar predicado verbal e predicado nominal. Não obstante os verbos se distinguirem em nível semântico, sintaticamente comportam-se da mesma maneira.

A particularidade do predicativo é sua concordância com o sujeito em número e pessoa, o que não ocorre com complementos diretos, por exemplo. É isso que faz o verbo desse tipo de estrutura ser denominado de ligação ou copulativo. Mas, assim como um verbo acional, ele serve para marcar tanto número e pessoa, quanto modo e aspecto da oração. Outros gramáticos ratificam essa afirmativa referente ao aspecto, porém ainda nomeando-os verbos de ligação (Rocha Lima, 2010: 293).

Dentro dessa manifestação aspectual, o verbo ‘ser’ em (17a) constrói entre o sujeito e o predicativo uma ligação de inerência, cuja linha de duração no tempo não possui início ou fim. E essa ideia se torna mais clara em (17b), com o presente largo, imperfectivo ou de predisposição (Castilho, 2010: 432-3). Aqui está sendo atribuído à estrutura predicativa traço aspectual própria de verbos acionais, ao mencionarmos o traço imperfectivo, por exemplo.

Essas características aspectuais são encontradas também em Cunha & Cintra (2008: 146), os quais examinam a manifestação de ‘ser’ e ‘estar’, considerados verbos

de ligação ou copulativos, dentro do predicado nominal: o primeiro serve para expressar um estado permanente (18) e o segundo, um estado transitório (19), de acordo com os exemplos apresentados pelos gramáticos:

- (18) a. Hilário **era** o herdeiro da quinta.
b. Eu **sou** sua sombra.
- (19) a. O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.

Não há outras possibilidades ou mesmo menção à palavra *aspecto* neste ponto da gramática de Cunha & Cintra. Apesar disso, aqui aludem aos traços aspectuais de permansividade e transitoriedade, embora de forma breve. Dentro de *Verbo*, 13º capítulo da gramática, afirmam que o verbo “apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz”. Dentro dos tipos aspectuais para o verbo ‘estar’, tem-se a oposição: forma simples (20a) e perífrase durativa (20b); e para o verbo ‘ser’, a forma passiva de ação (21a), oposto à forma passiva de estado com ‘estar’ (21b), sendo estes últimos, portanto, dois tipos de passividade:

- (20) a. **leio**
b. **estou lendo**
- (21) a. Ele **foi ferido**.
b. Ele **está ferido**.

A partir desses exemplos e de outros (Cunha & Cintra, 2008: 409-410), sempre dentro de verbos auxiliares, tem-se que as perífrases com ‘ser’ expressam aspecto concluído, proveniente de ação (21a); as com ‘estar’ expressam ação durativa (20b), voz passiva de estado (21b), uma situação iminente (22a) e o intuito de se realizar uma ação, com *para* (22b), ou uma situação que já deveria ter sido concluída, com *por* (23).

- (22) a. O avião **está para** chegar.
b. Há dias **estou para** visitá-lo.
- (23) O trabalho **está por** terminar.

Esses são os principais conceitos, nomenclaturas, características temporais e traços aspectuais aludidos nas gramáticas normativas mais conhecidas atualmente. E a partir de todos esses exemplos é possível esboçar certo consenso entre eles no que diz

respeito ao uso de ‘ser’ e ‘estar’ como verbos auxiliares na grande maioria dos casos, a atribuição de permansividade para um e transitoriedade para o outro e os espaços relativamente exclusivos entre perífrases de particípio e gerúndio.

3. ANÁLISE DIACRÔNICA

Considerou-se necessária a investigação das formas latinas e arcaicas que deram origem aos verbos ‘ser’ e ‘estar’, a fim de analisar as múltiplas significações pelas quais se manifestavam. Para isso, foram selecionadas frases do Dicionário Latino-Português, de Saraiva (2006) e da Vulgata, versão bíblica latina, datada do século IV.

No dicionário, para cada acepção de determinada forma latina, há diversos fragmentos que consistem em estruturas oracionais retiradas de obras de autores latinos, seguidas de tradução, constante do próprio dicionário.

As estruturas oracionais do português arcaico são de Mattos e Silva (1993) que analisou a *Demanda do Santo Graal*, datada do século XIII, e obra literária portuguesa mais antiga já encontrada.

3.1. LATIM

Foram pesquisados em Saraiva (2006) os verbos latinos que deram origem às formas verbais ‘ser’ e ‘estar’, conforme apontados por Mattos e Silva (1993) e muitos filólogos: as formas *sedēre* e *esse* deram origem ao verbo ‘ser’, e *stāre* deu origem a ‘estar’.

O verbo *esse* aparece como forma do tempo presente de *sum*, o qual é mostrado pelas formas *sūm*, *ēs*, *fūī*, *ēssē* (2006: 1156). Na ordem pela qual aparecem, algumas acepções que lhe são atribuídas: ser, existir (com respeito a pessoas e coisas), viver, durar, estar, achar-se em, morar, residir, estar com alguém, viver com, ter trato, ir, chegar, vir, ser verdade, acontecer.

Para fins de análise sintático-semântica, estes são alguns exemplos que demonstram o uso do verbo *esse* em predicções latinas existenciais (24a), de mudança de estado (24b), locativas (24c), transitórias/permansivas (24d) e de movimento (24e, f):

- (24) a. *Ego sum qui sum.* Hier. ‘Eu **sou** o que **sou**’
 b. *Paene tibi fuit Phronesium.* Ter. ‘Quasi que **ficaste** sem Phronesio’
 c. *Esse Romae.* Cic. ‘**Morar** em Roma’
 d. *Si fuerit Deus mecum.* Hier. ‘Se Deus **estiver** comigo’
 e. *Ad me bene manè Dionysius fuit.* Cic. ‘Dionysio **veio** a minha casa de manhã cedo’
 f. *Quo die in Tusculanum essem futurus.* Cic. ‘Em que dia eu **chegaria** à (minha) quinta de Tusculo’

Da origem de ‘ser’, tem-se a forma *sēdērē*, apresentada como *sēdēō*, *ēs*, *sēdī*, *sēssūm*, *sēdērē* (Saraiva, 2006: 1078). Algumas acepções para essa forma são: estar sentado ou assentar-se, tomar assento (como autoridade), não sair do lugar, estar, estacionar, ficar, morar, residir, estar colocado, pôr sobre, estar à venda, ficar ou estar ocioso, estar sem fazer coisa alguma, estar de braços cruzados, ficar imóvel, parar, permanecer, estabelecer-se, estar fixo, estar decidido, resolvido (assentado), afundar-se, entrar, penetrar, pousar, acalmar-se, abater-se, montar a cavalo.

A partir das formas que deram origem ao verbo ‘estar’ no português, pode-se observar predicação existencial (25a), mudança de estado (25b), estado permanente (25c), locativo (25d), estado transitório (25e, f), predicação equativa (25g) e conclusão (25h).

Eis alguns exemplos dentro dessas significações:

- (25) a. *Si venter imus sedet.* Cels. ‘Se na parte inferior do ventre não **há** inchação’
 b. *Caelum sederat illis.* Ov. ‘O céu **tinha-se estribado** em seus (ombros)’
 c. *Sedens in solio.* Cic. – *carpento.* Liv. ‘**Sentado** em um trono, em um carro’
 d. *Sedenti jus.* Plin. ‘Direito de **tomar assento** (no senado)’
 e. *Sedere equo.* Mart. ‘**Estar** a cavalo’
 f. *Sedere domi dum...* Ter. ‘**Ficar em** casa enquanto’
 g. *Minos sedet arbiter Orci.* Prop. ‘Minos **é** o juiz dos infernos’

h. *Sedit rabies*. Stat. ‘**Acalmou-se** a raiva’

Considerando que o uso de *sum*, no latim, poderia ser traduzido tanto como ‘ser’ quanto ‘estar’ no português, é possível supor que essa forma esteja ligada à origem de *estar*. Podendo se apresentar como verbo de ligação ou intransitivo, o verbo *sum* pode significar: ser, estar, haver e existir (Garcia, 2008: 39) – o que foi comprovado pelos exemplos apresentados anteriormente.

Pelo quadro de conjugação do verbo *sum* em Garcia (2008: 36), *est* e *estis* são as duas formas que mais se aproximam do arcaico *stare*, do qual se originou ‘estar’, e que é o infinitivo de *sto*. Em Saraiva (2006: 1129) a forma *sto* significa estar de pé, estar a servir e esperar, dentre outras acepções.

Castilho (2010: 399) atribui a ‘ser’ uma terceira origem: a forma *ire*, da qual proveio a formação do pretérito perfeito (fui, foste, foi...). Em Saraiva (2006: 636), *ire* é apresentado na forma de 1ª pessoa *eo* (2006: 424), e nas flexões: o qual apresenta as formas *ěō*, *īs*, *īvī*, ou *ī*, *ītum*, *īre*. Algumas acepções para esse verbo são: ir, andar, querer, vir, percorrer, mudar-se em, divulgar-se, ir-se embora, vender-se, ser, existir, aparecer.

- (26) a. *Eo ad forum*. Plaut. ‘**Vou** à praça pública’
- b. *Ire in semen*. Cato. ‘**Fazer-se** em semente’
- c. *Ire in melius*. Tac. ‘**Melhorar**’
- d. ... *fuisse principem*... Plin. J. ‘**houve** um príncipe’
- e. *Ire in cassum*. Luc. ‘**Ser** em vão, **ser** inútil’
- f. *Non ibo inulta*. Sen. tr. ‘Não **ficarei** por vingar’

Esse verbo o qual, a princípio, seria apenas de movimento (26a), pode ter interpretação de mudança de estado (26b, c), existencial (26d) e estativa (26e, f). Inclusive, nessa raiz latina está a explicação para as formas idênticas da conjugação de ‘ser’ e ‘ir’ no pretérito perfeito do indicativo – em cuja semântica pode conter uma estrita relação quanto ao movimento do ser e a existência dele.

É interessante notar que para algumas situações o verbo ‘ser’ tem valor semântico de verbos ditos tradicionalmente significativos, como ‘viver’ em *Ana é feliz*

com Pedro; ‘morar’ em *Onde a Ana mora?* / *Ah! a Ana é naquela casa ali*; e ‘acontecer’ em *A festa é aqui*. O que ocorre aqui, na verdade, é a simples necessidade de se ter um verbo que relaciona a coisa ao seu lugar ou a informação pós-verbal. Ademais, esses usos podem estar estritamente relacionados também à plurissignificação latina.

Na versão bíblica *Vulgata* encontram-se exemplos interessantes de se analisar, uma vez que esta versão latina está disponível gratuitamente na internet e existem várias traduções e versões disponíveis da obra literária mais lida no mundo. Isso torna possível a verificação concreta no que concerne às análises apresentadas a seguir.

Já como uma prévia dos significados que ‘ser’ e ‘estar’ tomarão no português arcaico, estes exemplos demonstram os sentidos principais:

- (27) *aruit autem ei Dominus in convalle Mambre **sedenti** in ostio tabernaculi sui in ipso fervore diei* / Apareceu o Senhor a Abraão nos carvalhais de Manre, quando ele **estava assentado** à entrada da tenda, no maior calor do dia. (Gn 18: 1)
- (28) a. ***stabat** iuxta eos sub arbore* / e **permaneceu de pé** junto a eles debaixo da árvore (Gn 18: 8b)
- b. *et **stans** in porta castrorum* / e **pôs-se de pé** à entrada do acampamento (Ex. 32: 26a)

Além das formas apresentadas nos outros exemplos já mostrados em latim, o emprego dos verbos estativos usados de forma plena revelam o sentido de “estar/ficar de pé” e “estar assentado” para ‘ser’ e ‘estar’, respectivamente. E esses sentidos se conservarão pelo menos durante o período do português arcaico.

3.2. PORTUGUÊS ARCAICO

Mattos e Silva (1993: 54) toma a forma *seer*, originada de *sedere* e *esse*, o que deu origem às formas arcaicas *he* (é), *se*, *era*, *siia*, relativos às formas modernas *ser*, *sou*, *és*, etc. E possui a base *fo* no perfeito desde o período arcaico: *fui*, *foste*, *foi*. As

frases de que a autora lança mão foram retiradas de um dos textos mais antigos escritos em português, os *Diálogos de São Gregório*, datado do século XIII.

A autora alude às primeiras significações para estes verbos neste período: ‘ser’ (*sedere*) possuía o traço semântico de “estar sentado” ou “assentado”. Por outro lado, ‘estar’ significava “estar/ficar/pôr-se de pé” (Castilho 2010: 399). Desta forma, estes verbos estativos poderiam ocorrer como forma plena, ou seja, intransitivamente. Tanto que, em construções com verbos no gerúndio, por exemplo, tinham valor intransitivo:

- (29) *Ao serão, quando **siiam** comendo, aqui vos vem a donzella laida [...] E vio Galuam **star** e foi-se para ante elle e disse-lhe assi.* (“estavam sentados” e “ficar de pé”).
- (30) a. *Eles eram comendo.
b. *Viu-o estar.

O exemplo (29) mostra que o valor de verbo pleno com a significação de ‘estar sentado’ ou ‘estar em pé’ foi usado no período arcaico. Comparativamente, verbos como ‘estar’ e ‘ir’ no português contemporâneo são frequentemente usados como auxiliares para se exprimir o aspecto durativo (Mattos e Silva, 1993: 66). Isso resultaria no desaparecimento de *ser* + gerúndio (30a) e como verbo pleno (30b), como afirma Castilho (2010: 401). Porém, é possível nunca ter havido exatamente uma perífrase de gerúndio com ‘ser’, uma vez que este era usado como verbo pleno, havendo em (29) duas orações distintas: *siiam* e *comendo*.

Mattos e Silva demonstra ainda que ‘ser’ era usado tanto para atributos permanentes quanto para transitórios, enquanto ‘estar’ era usado em predicados que denotavam atributos transitórios:

- (31) a. *Eu sei don Afonso (...), **sendo** sano e salvo* (estando).
b. *Sempre me temi d’ele mas já agora **sou** seguro que nunca me dará* (estou).
c. *As iffantas suas filhas era certo que **estariam** seguras.*

Nesse sentido, havia variação entre ‘ser’ e ‘estar’ para a descrição de atributos transitórios. No entanto, o verbo ‘ser’ era o que mais ocorria como transitório, caindo

esse tipo de uso no sXV, sendo hoje manifestado mais em situações permanentes. Porém ainda existe uso desse verbo em aparentes construções transitórias, como nas frases a seguir:

- (32) a. Marta **é** mestranda.
b. Pare com isso! João **é** só uma criança.

Essas duas frases parecem descrever situações transitórias a partir de uma visão extralinguística, pois o estado de ‘ser mestranda’ (32a) não seria algo intrínseco ao indivíduo, como o **é**, por exemplo, estado de ser alto; assim como ninguém permanece criança sempre (32b). Além disso, a comutação para ‘estar’ em ambos os casos tornaria as sentenças agramaticais. O que ocorre de fato é que o uso de ‘ser’ se explica na exclusão da situação anterior ou posterior que venham a mudar o estado de um ser qualquer. A característica é então usada intrinsecamente ao indivíduo como seu estado atual e no presente e relativamente duradouro. Essas são as estruturas equativas.

O fenômeno da gramaticalização é discutido em Castilho (2010: 397-407), e é definido como a transformação de uma categoria lexical plena em categoria funcional. No caso dos verbos, é a transformação do verbo lexical em verbo funcional e/ou em auxiliar. Segundo o linguista, o uso frequente de ‘ser’ e ‘estar’ como verbos plenos tornou-se escasso no sXIV, o que se confirma pelo fato de que não se apresentam como núcleos verbais. Bechara é um dos poucos gramáticos a considerar plenos os estativos.

A explicação de gramaticalização deve-se ao uso constante destes verbos como categorias funcionais, em estruturas predicativas (33), e como auxiliares (34), consequentemente em menor quantidade como verbos plenos (35) (Castilho, 2010: 399-400):

- (33) Meu primo **é** aquele rapaz ali. *funcional*
(34) Os dois **foram** presos pelo delegado de plantão. *auxiliar*
(35) a. Quem **está** aí? / **É** fulano. *pleno*
b. **Era** uma vez fulano. *pleno*

Embora escassas, as realizações plenas de ‘ser’ são explicadas pela plurissignificação que possuía no latim e ainda no português arcaico, uma vez que alguns traços semânticos permaneceram fixos no conteúdo lexical do verbo. Consequentemente, alguns usos desses verbos se tornam difíceis de ser analisados, pois enquanto uns traços permanecem, outros desaparecem deixando seus rastros. Em (35b), por exemplo, a posição inicial de ‘ser’ na frase é um tanto polêmica, especialmente com relação à presença ou não de um sujeito nulo, de acordo com o Parâmetro do Sujeito Nulo’. Em comparação com o inglês, haveria antes de ‘Era’ um espaço vazio, sendo o verbo consequentemente de ligação, e não pleno.

Tendo em vista essa realidade, são apresentadas a seguir algumas questões quanto às propriedades aspectuais dos predicados que selecionam esses verbos, considerando o nível sintático e semântico das estruturas e as abordagens dos linguistas com relação a elas.

4. TRANSITORIEDADE E PERMANÊNCIA

Diferentemente de outras línguas, como o inglês (*to be*), o francês (*être*) e o alemão (*sein*) (Arrais, 1984: 72-3), a língua portuguesa – como também o espanhol – possui a oposição ‘ser/estar’. Respectivamente, a permanência e a transitoriedade são as características observadas à primeira vista na distribuição desses dois verbos quando aparecem com um sintagma adjetival, o qual confirma esses traços semânticos na maior parte dos casos. Assim, afirma Arrais (1984: 73): “[a oposição] *ser* e *estar*, que assinala basicamente a distinção entre qualidade ou condição essencial e qualidade ou condição acidental”, e exemplifica:

- (36) a. Pedro Lário **é** famoso.
b. Pedro Lário **está** famoso.

Inicialmente, Oliveira (2003) faz uma análise aspectual dos verbos estativos e observa que, assim como os verbos acionais de processo, os estativos possuem traço [–télico], não detêm uma delimitação por natureza e são homogêneos, isto é, não tendem a um fim nem enfatizam um início de ação. A diferença entre eles está no traço de dinamicidade. Os verbos de estados são [–dinâmico], uma vez que não existe uma mudança de estado ou qualquer atividade propriamente dita. Castilho (2010), por sua vez, a partir das observações de Aristóteles, afirma que os verbos estativos não apresentam ações, mas situações que duram determinado tempo, sem que se modifiquem.

Esta característica é estritamente ligada à homogeneidade denotada por um verbo estativo, na qual não se admite qualquer intervalo, pois uma pausa implicaria a ausência da situação descrita – fato que não ocorre nos processos. Oliveira (2003) compara as seguintes frases: *A Maria está doente* e *Ele trabalhou (todo o dia)*. Durante um dia inteiro de trabalho podem ocorrer intervalos, o que não prejudicaria a afirmação de que alguém trabalhou o dia todo. Por outro lado, uma pausa na situação de estar doente implica não estar mais doente.

A autora delimita ainda dois tipos de verbos de estado: **faseáveis** e **não faseáveis**. A diferença está em “os primeiros poderem ocorrer em construções progressivas (estar a + inf.) e os segundos não”, sendo *fase* “uma parte espaço-temporal de um indivíduo” (Oliveira, 2003: 136). Cabe observar que os estados faseáveis *podem* se apresentar em perífrases. Logo, todos os exemplos em (37) são exemplos de estado faseável e em (38), não faseável.

- (37) a. O Pedro **é** simpático.
- b. O Pedro **está sendo** simpático.
- c. O Rui **vive** em Paris.
- d. O Rui **está vivendo** em Paris.
- (38) a. A Rita **é** alta.
- b. *A Rita **está sendo** alta.
- c. A Joana **está** contente.
- d. *A Joana **está estando** contente.

Percebe-se que, embora o verbo ‘estar’ carregue traço [–permansivo], a linguista o utiliza para exemplificar um estado não faseável, ou seja, [+permansivo] em (38c). Porém numa perspectiva semântica, se alguém está contente, pressupõe-se que em algum tempo não esteve, assim como a possibilidade de não mais estar, o que significa haver uma ênfase a um intervalo no eixo temporal. Logo, o sentido atribuído deveria ser de fase. Porém, o critério utilizado foi tão somente o sintático, mais especificamente o perifrástico, ou seja, para ser considerado não faseável a construção com perífrase será agramatical (38d).

É deixada para as notas de rodapé a alusão a outros grupos de verbos estativos, como, por exemplo, os de **estado habitual** (Cunha, 1998), derivados de eventos ou estados faseáveis e outros elementos (advérbios modais, por exemplo). Depois são diferenciados os estados faseáveis e não faseáveis – que são de natureza aspectual – dos **predicados de indivíduo** e **predicados de fase** – que se referem a intervalos de tempo. Os exemplos usados são os seguintes:

- (39) a. *ser português* (não faseável)
- b. *ser simpático* (faseável)

c. *ser inteligente* (predicado de indivíduo)

d. *estar rico* (predicado de fase)

Usando o teste da perífrase, é observado que *está sendo inteligente* é gramatical, concluindo a autora que os predicados de indivíduo podem ser faseáveis, e ainda que a oposição *ser/estar* sustenta a distinção entre predicados de indivíduo e predicados de fase (*ser/estar rico*), mas não a distinção entre estado faseável e estado não faseável, pois pode ser usado ‘ser’ para os dois casos.

Observa-se que muitas diferenças entre a permansividade e a transitoriedade estão ligadas aos traços semânticos do sintagma a que os estativos se combinam para formar uma predicação e também que não é possível se basear em critérios que ferem a interpretação da frase, uma vez que só existe harmonia na combinação dos termos sintáticos e da interpretação que explicita.

Aparentemente a oposição transitório/permanente é clara quando se trata de sintagmas adjetivais. Porém, de acordo esses exemplos, predicações com sintagmas adjetivais faseáveis e não faseáveis não são fiéis a essa distinção entre os predicados. A própria natureza e conteúdo lexical dos adjetivos influenciam nessa impossibilidade – o que fica explicitado no teste da perífrase de gerúndio.

A partir disso, veremos quais as interferências que esses estativos provocam ao lado dos tipos de sintagmas, sempre numa análise sintático-semântica das predicações.

5. ‘SER’ E ‘ESTAR’ E OS SINTAGMAS

A seleção dos tipos de sintagmas demonstra o comportamento que os verbos estativos possuem em determinada predicação. A princípio, parece que os traços de permansividade e transitoriedade são claros apenas com sintagmas adjetivais, segundo Zagana & Contreras (s/d). Veremos se os dados confirmam essa afirmação. Serão abordados aqui apenas alguns aspectos que proporcionam um estudo aprofundado de questões específicas da língua, uma vez que a abordagem de todas as classes gramaticais passíveis de ocupar o lugar dos sintagmas e de todas as conjugações verbais seria incabível.

Os sintagmas adjetival, adverbial, preposicional e verbal – mais especificamente as construções perifrásticas – são apresentados a seguir.

5.1. SINTAGMA ADJETIVAL

Ao mesmo tempo em que os sintagmas adjetivais são elementos denotadores das características mais evidentes em ‘ser’ e ‘estar’, também demonstram certa compatibilidade entre esses verbos, isto é, situações em que não há mudanças na sua interpretação a partir da comutação de um verbo pelo outro.

Segundo Castilho (2010: 398), algumas línguas românicas – não citadas pelo linguista – conservam ‘ser’ para uso com locativo e ‘estar’ para construções atributivas. Isso não ocorre no português, em que existe possibilidade de comutação desses verbos sem que haja alteração de sentido num primeiro momento. A diferença vai estar nos contextos que as estruturas sugerem.

- (40) a. Meu filho **é** alto.
b. Meu filho **está** alto.
- (41) a. Esta casa **é** cara.
b. Esta casa **está** cara.

- (42) a. Essa blusa **é** suja.
b. Essa blusa **está** suja.

Não existe diferença sintática entre os pares (42), (43) e (44), pois se tratam de verbos que atribuem ao sujeito uma característica na forma de sintagma adjetival, tendo portanto um sintagma nominal, o verbo e um sintagma adjetival diretamente referente ao sujeito sintático.

A distinção entre elas, facilmente notada pelos falantes nativos, é em nível semântico. O uso do verbo ‘ser’ – (42a) (43a) (44a) – faz uma atribuição intrínseca à coisa a que se refere, transferindo uma qualidade permanente pela qual essa coisa pode ser reconhecida. Já com ‘estar’ a situação pode fazer alusão a um estado atual em relação a um anterior (42b), especificar o estado do ser em determinado momento, excluindo o anterior ou posterior, ascendendo uma característica possivelmente contrária à dos demais seres idênticos (43b), ou ainda tomar uma forma breve, transitória (44b).

O verbo ‘ser’ possui uma aparente simplicidade em relação a ‘estar’, porque permite uma única interpretação semântica de caracterização intrínseca ao sujeito da oração. Essa afirmação não exclui as nomenclaturas de predicado atributivo, equativo, entre outros. Porém, em todos eles, o eixo temporal é ocupado em sua totalidade, uma vez que a característica é inerente ao ser. Portanto, não há que se falar em situação temporária ou estado transitório.

O uso de ‘estar’ traz várias possibilidades de interpretação, sempre conceptuais, talvez pelo fato de a linha temporal não ser completamente ocupada pelo estado apresentado, possibilitando delimitar esse intervalo esboçando os motivos pelos quais aqueles espaços não preenchidos não fazem parte do recorte ocupado pelo estado. Como consequência, estruturas com esse verbo admitem delimitadores temporais, os quais confirmam esse recorte no eixo do tempo, em simultânea e implícita referência ao espaço não ocupado, apagando-o ou excluindo-o, a depender da interpretação.

5.2. SINTAGMA ADVERBIAL

Essa possibilidade de delimitação desses intervalos que aparecem com o uso de ‘estar’ abre caminho para a manifestação de elementos temporais capazes de destacar esses limites. Para que não haja dúvidas do teste de gramaticalização a ser apresentado, imagina-se uma situação em que uma atriz que gravaria cenas de um filme foi mal maquiada e os produtores não aprovaram a maquiagem. Ela então retorna para fazer outra, e por fim dizem a respeito dela:

(43) **Agora** ela **está** linda.

(44) ***Agora** ela **é** linda.⁵

A delimitação temporal empregada ao adjetivo cabe apenas com o verbo ‘estar’. Neste caso, o falante está evidenciando o estado atual da atriz em comparação a uma situação anterior próxima.

Retomando os exemplos utilizados nas explicações para a categoria tempo, a distância temporal evidenciada pelo adjunto adverbial influencia diretamente na escolha de ‘ser’ e ‘estar’. Como foi falado, ‘ser’ detém um grande intervalo no espaço do eixo temporal e de uma situação mais distante do falante (na juventude, naquela época de escola, no século passado), enquanto ‘estar’ refere-se a uma situação mais próxima e específica (ontem, hoje pela manhã, semana passada).

(45) Ela **era** / ?**estava** muito feliz **na juventude**.

(46) Ela **estava** / ***era** muito feliz **ontem** [na festa].

Possivelmente o uso de ‘estar’ em (47) não chega a tornar a frase agramatical, porém certamente há preferência por ‘ser’.

⁵ Em outro contexto esta frase seria gramatical, como por exemplo em *Antes minha filha era um tanto esquisita. Agora ela é linda*, em que ‘agora’ toma uma significação conotativa ampla: ‘atualmente’, ‘nos dias de hoje’.

Outros sintagmas adverbiais tornam os dois verbos idênticos, isto é, sem qualquer diferença clara, pelo menos em primeiro plano, nestas frases seguintes a respeito do estado anterior de uma mulher:

(47) Ela **era** muito feliz **no casamento**.

(48) Ela **estava** muito feliz **no casamento**.

Aparentemente, o sintagma ‘no casamento’ não expressa um tempo ou um espaço com exatidão. Parece, na verdade, sugerir um lugar ou uma situação estática desprovida de delimitação no eixo temporal. Percebe-se ainda que a interpretação ou o contexto em que essas duas frases poderiam ser usadas não é o mesmo. Em (49) a significação é uma vida a dois de que a mulher gozava (equivalente à expressão no inglês *marriage*). Em (50), o adjunto adverbial refere-se à cerimônia de casamento (correspondente ao *wedding* do inglês). Se pensarmos em ‘no casamento’ como o evento cerimonial, a situação passa a ser mais concreta e possível de ser delimitada no tempo, com relativa extensão; e, dentro dessa ideia, a frase (49) seria agramatical.

Já nas estruturas em que apenas o sintagma adverbial ocupa o espaço após o verbo (sintagma nominal + verbo + advérbio), a situação passa a ser outra.

(49) Ela **está bem**.

(50) *Ela **é bem**.

O advérbio ‘bem’ deveria possuir função adjetiva para ser aceito em (52). Mas aqui não existe uma ligação direta entre uma característica direta a um determinado sujeito. É consenso entre os gramáticos e linguistas que se trata de um advérbio modal. Logo, não é possível falar de alguém que possa ‘ser bem’, mas apenas ‘estar bem’, expressão denotadora de uma maneira ou um estado que um ente se apresenta no momento, e este momento é naturalmente delimitado, especificado temporalmente, devido ao verbo ‘estar’ que causa esse corte no tempo. Inclusive, (51) é uma afirmativa que expressa um estado atual comparativamente ao um estado anterior. Seria também uma resposta à pergunta que também usaria ‘estar’: *E então, como ela está?*

Castilho (2010: 401) faz uma comparação com a perífrase de gerúndio, que seleciona exclusivamente ‘estar’ em sua estrutura. Em *ele está cantando*, por exemplo,

o verbo auxiliar introduz um estado atual do ser, mais do que uma ação propriamente dita. Segundo o linguista, o verbo ‘estar’ iniciou aparecendo em estruturas com locativo, estendendo seu uso para a estrutura *a + infinitivo*, correspondente ao nosso gerúndio e depois no particípio (65) a partir do seu uso com adjetivo, sempre na ênfase de um estado presente do ser, como veremos no subtópico *Sintagma Verbal*.

Existem advérbios que permitem a presença de ambos os verbos, porém a predicação circunstancial não é a mesma, o que significa impossibilidade de uma comutação indiscriminada. O advérbio ‘melhor’ (podendo ser também ‘pior’), usado para adjetivações superlativas e comparativas, a depender da circunstância a que se refere, pode delimitar junto a ‘ser’ uma comparação entre dois seres (53), enquanto ao lado de ‘estar’ apresenta uma comparação entre dois estados de um mesmo ser (54).

(51) Ela **é** melhor [do que a outra].

(52) Ela **está** melhor [do que antes].

Quando usado em estrutura superlativa, exige-se o artigo em ambos os casos, além da preposição quando o verbo é ‘estar’ (56). E ainda assim continua a mesma interpretação para as estruturas comparativas.

(53) Ela **é** a melhor [cantora].

(54) Ela **está** da melhor [forma possível].

Essa seleção da preposição não é exclusividade de ‘estar’. O verbo ‘ser’ também goza dessa possibilidade, porém a interpretação é revestida de sentido acional, direcional ou de origem, como por exemplo em *Essa peça é da melhor fábrica*, isto é, veio de lá. Essas questões a respeito das preposições serão explanadas a seguir.

5.3. SINTAGMA PREPOSICIONAL

Como foi exposto no início no subtópico *Sintagma Adjetival*, há línguas românicas que conservam ‘ser’ para locativos e ‘estar’ para atribuição. Com sintagmas adjetivais observamos que isso não ocorre. E assim também o é para os locativos:

- (55) a. O bar **é** na esquina.
b. O bar **está** na esquina.

O linguista cita Lemos (1987), que lança mão da etimologia para tentar explicar a possibilidade de alternância em construções com locativo. O verbo ‘ser’ detém um sentido mais permanente ou imóvel, considerando que conserva sua significação arcaica de “estar sentado”. Já o verbo ‘estar’ possui mais mobilidade, por seu significado primeiro de “estar/ficar de pé”, pressuposto um movimento inicial de mudança de posição espacial de um ente qualquer. E partir disso, Castilho (2010: 398) explica que entidades móveis são seguidas por ‘estar’, e as imóveis, por ‘ser’:

- (56) a. O telefone **está** na sala. (telefone móvel)
b. O telefone **é** na sala. (telefone fixo)

Ainda segundo essa autora, ao se determinar um tempo para a descrição da relação entre o sujeito [+animado] e o locativo, usa-se o verbo ‘estar’ devido ao seu caráter etimologicamente mais dinâmico:

- (57) a. *João **será** no escritório às 2 horas.
b. João **estará** no escritório às 2 horas.

Em contraposição, quando o sujeito é [–animado], a exemplo da localização de um acontecimento qualquer, usa-se o verbo ‘ser’, devido à ausência de animacidade:

- (58) a. A festa **será** no vizinho.
b. *A festa **estará** no vizinho.

Nota-se também que o contraste transitório e permansivo pode ser bem discutido aqui. A alternância ser/estar não altera o sentido permansivo em (57). Por outro lado

essa alternância já aparece em (58), comprovadamente pela mobilidade e fixação, e também em (59), que denota um nível mais episódico, devido à animacidade, do que (60), uma circunstância comparativamente mais estável.

A linguista ainda explica a possibilidade desta alternância com entidades imóveis. Aqui a referência é à suposição de um momento em que uma pessoa qualquer solicita uma informação a outrem. Se alguém pretende se deslocar para determinado local, a informação é construída com ‘estar’. Caso contrário, com ‘ser’.

(59) A estação **está** do outro lado da ponte. (= vá para lá)

(60) A estação **é** do outro lado da ponte. (não implica deslocamento)

O verbo ‘ser’ usado sem implicação de movimento depende do traço semântico que a frase exprime. Em (62) a referência é a um local. Porém, tomando como base as análises de Zagana & Contreras (s/d), em (63) o movimento de origem ou de proveniência é bastante claro, sendo possível a comutação do verbo para ‘vir’; e em (64) é evidente o movimento de destinação, embora não esteja ocorrendo factualmente uma ação.

(61) a. Esse pão **é** /***está** da melhor padaria da cidade.

b. Esse pão **veio** / **provém** da melhor padaria da cidade.

(62) Esse livro **é** /***está** / ?**vai** para Maria.

5.4. SINTAGMA VERBAL – PERÍFRASES

A combinação de um verbo auxiliar e um verbo principal pode explicar algumas aparentes incoerências encontradas no uso dos estativos. A partir das afirmações de Castilho a respeito das estruturas a que o verbo ‘estar’ veio se combinando ao longo do tempo, as dúvidas quanto aos traços aspectuais desse estativo podem ser resolvidas.

(63) José **está morto**.

Em (65) o verbo ‘estar’ parece denotar uma circunstância permanente, o que não poderia ocorrer considerando-o um verbo originalmente transitório. Camacho (2010) apresenta essa situação apenas afirmando que existem adjetivos que não combinam com o verbo ‘ser’, por mais que denotem situação não transitória: “Notice that some of these do not necessarily imply a temporary meaning”⁶ (Camacho, 2010: 454). E exemplifica:

- (64) a. *El millonario está/*és arruinado.*
b. *La ajedrecista está/*és cansada.*

A estes adjetivos juntam-se *lleno* (cheio), *contento* (contente), *ausente*. Porém, todas essas predicções podem, na verdade, estar relacionadas, não a um verbo transitório utilizado em função semântica permansivas, mas a uma questão de estado atual de uma coisa qualquer, mediante a construção com verbo no particípio, e não com adjetivo. Essa é uma explicação para o uso de ‘estar’ em sentido aparentemente [+permansivo]. Ocorre aqui uma ênfase a um estado atual, e sempre com uma referência implícita à situação anterior, necessariamente distinta. Logo, trata-se aqui de uma evidência a uma situação proveniente de uma mudança de estado (comumente atual).

Não é importante buscar saber se a pessoa morta voltará a viver, ou se o milionário arruinado será capaz de reconstruir a vida ou ainda se o jogador de xadrez voltará disposto para jogar outra vez. De fato, todas essas coisas podem ser possíveis a depender de diversos fatores pragmáticos, o que não vem ao caso. Nesta sentença, portanto, o sujeito sofre passivamente uma mudança de estado, possuindo o papel temático de experienciador, ou alvo da ação verbal. Esta é a chamada forma passiva de estado (Cunha & Cintra, 2008).

Camacho propõe contrastes de gramaticalidade para mostrar que o uso de ‘estar’ com os adjetivos ‘morto’ e ‘vivo’ são permanentes e não transitórios – quando na verdade estes são apenas frases que comprovam a função semântica do sujeito:

- (65) a. *Napoleón está/*es muerto/vivo.*
b. **Siempre que Napoleón estava muerto/vivo, todo le salía mal.*
c. **Napoleón estuvo muerto/vivo varias veces ese día.*

⁶ “Note-se que alguns destes não necessariamente implicam um significado temporário”.

Obviamente que, se os considerarmos adjetivos, e não verbos no particípio, parece não haver motivo para a suposta agramaticalidade com ‘ser’ (no tempo presente do indicativo). O que ocorre é a possibilidade do uso de ‘ser’ em perífrases de particípio, inclusive nessas aparentemente agramaticais.

- (66) a. Sim, meu bisavô **é vivo**.
b. E o seu pai? / Ah! meu pai **está vivo**.

Se considerarmos que ‘estar vivo’ descreve uma situação transitória, fará todo sentido ser usado com o verbo ‘estar’. Em (68a), por outro lado, o estado de ‘viver’ é combinado ao verbo ‘ser’, e não existe agramaticalidade. Em uma perspectiva sintático-semântica, a perífrase de particípio pode se manifestar tanto com ‘ser’ quanto com ‘estar’, e sempre no sentido de informar um estado atual. Castilho, inclusive, atribui ao verbo participial o valor de adjetivo, o que confirma a alternância entre ‘ser’ e ‘estar’. É o que os diferencia dos adjetivos é justamente o fato de aludir a uma mudança de estado, e não à transitoriedade/permansividade.

Como observação, questiona-se a forma ‘é morto’, que não é muito comum, diferentemente de ‘estar morto’. Esse parece ser um lugar sintático exclusivo de ‘estar’, mais provavelmente pelo frequente uso dele com o verbo ‘morrer’ no particípio. É mais comum encontrarmos o verbo ‘ser’ em outro tipo de sentença, semanticamente semelhante, como em ‘é falecido’.

O processo de formação de outros tipos de perífrases foi discutido pelos gramáticos e linguistas aqui apresentados. Houve uma tentativa no português arcaico de se fazer uso do verbo ‘ser’ em perífrases de gerúndio, mas este espaço acabou ficando pelo verbo ‘estar’ com exclusividade. E isso tanto no português brasileiro, quanto no português de Portugal e também no espanhol.

- (67) O garoto **está correndo**. / *A menina **é correndo**.

Como já foi abordado, a progressividade está mais relacionada à maneira ou à forma como o alvo da informação se apresenta na sentença, do que uma ação dele. A progressão pode ser representada simultaneamente por ‘ser’ e ‘estar’ junto ao sintagma

adjetival (70). Mas nunca vai ocorrer de o verbo ‘estar’, que já tem a primazia na auxiliaridade desse tipo de perífrase, ocupar a posição de verbo no gerúndio (71).

(68) Paulo **está sendo feliz** no novo emprego.

(69) *Paulo **está estando feliz** no novo emprego.

Para complementar, é interessante notar que o predicativo em (70) precisa possuir certos traços característicos e compatíveis com a estrutura perifrástica, não sendo, portanto, qualquer sintagma adjetival que poderá se passar por predicativo. E isso vale para qualquer estrutura com auxiliares. No caso em questão, é preciso que haja um sentido de constância na linha temporal. Dessa forma, a frase torna-se agramatical se, por exemplo, o sintagma adjetival for daqueles próprios para marcar mudança de estado (72).

(70) *Paulo **está sendo triste** no novo emprego.

O sentido dos adjetivos na frase explica a incompatibilidade. Comparando (70) e (72), a agramaticalidade está na ideia de que ‘feliz’ não toma seu sentido denotativo, porém a língua brasileira contemporânea tem-lhe dado sentido conotativo de ‘ter sorte’, ‘se dar bem’. Por isso, se fosse usado em sentido denotativo – como o que ocorre com ‘triste’ em (72) – a predicação não seria aceita; mas a resignificação semântica a ele atribuída o torna elemento possível na construção perifrástica. O que ocorre é que, nesses exemplos, o verbo ‘ser’ é facultativo, sendo possível sua exclusão da frase e a permanência do sentido dessa frase, retirando da frase o marcador (ser) que prolongava o estado de Paulo. Por outro lado, quando a estrutura ‘estar sendo’ seleciona um verbo no particípio, o qual denota normalmente uma ação contínua, com ênfase implícita ao início e à finalização do processo, e ênfase explícita ao processo em si, não há que se falar em facultatividade.

(71) As caixas **estão sendo transportadas**.

As perífrases de infinitivo também são exclusivas de ‘estar’ (74). Essas perífrases ocorrem mais no português de Portugal, em que o sentido é o mesmo para as nossas perífrases de gerúndio – o que explica a dominância de ‘estar’ também nesses casos (75).

(72) **Estou para sair** daqui.

(73) Maria e eu **estamos a caminhar** pelo parque.

Essas postulações apresentam espaços exclusivos dos verbos estativos, o que é explicado a partir de uma visão diacrônica devido às mudanças ocorridas a depender da frequência de uso nas diferentes épocas.

Diante do exposto em relação a todos tipos de sintagmas, a oposição ser/estar não se resume em traços permansivo e transitório, mas em situações de estados, em predicções de passividade, algumas vezes levando em conta traços de animacidade e deslocamento que o sintagma à esquerda do verbo carrega em seu léxico.

6. FLEXÕES TEMPORAIS E EXPRESSÕES ADVERBIAIS

As diferenças aspectual e temporal da oposição *ser/estar* não se mostram apenas no confronto semântico entre estes dois verbos. Existem mudanças de aspecto relacionadas também a suas flexões e aos vários sintagmas já apresentados, os quais se combinam com esses verbos na estrutura sentencial. Os contrastes são o que mais revela a complexidade no estudo dos estativos.

Com relação ao tempo gramatical pelo qual o verbo é acionado, naturalmente o *presente do indicativo* denota situação constante e imperfectiva, com traço [+permansivo] e com valor processual, isto é, em que se ignora o início e o término da situação. Cunha & Cintra (2008, 395) afirmam que o tempo presente refere-se a fato ocorrido no momento de fala e que é indivisível. Isso ocorre para todos os sintagmas: adjetival (76a), preposicional (76b), adverbial (76c), nominal (76d) e verbal.

- (74) a. Léo **é feliz**. / Léo **está feliz**.
b. Pedro **é do México**. / Pedro **está no México**.
c. A partida **é agora**. / Eles **estão devagar**.
d. Joana **é a criança**. / Joana **está uma artista**.

O *pretérito perfeito* atribui à situação perfectividade e conclusividade, pois apresenta a finalização de um estado, e de maneira mais pontual. O *pretérito imperfeito* torna a situação mais aberta, isto é, sem limitação determinada na linha temporal. Vale comparar os dois tempos para os dois verbos, junto a outros complementos frasais, os quais exprimem explicações quanto à gramaticalidade. O sintagma utilizado será o adjetival, a fim de simplificar as análises.

- (75) a. Carlos **esteve feliz**.
b. Carlos **estava feliz**.

O uso de ‘ser’ no presente do indicativo torna ‘feliz’ uma propriedade intrínseca ao indivíduo alvo da predicação. Já o uso de ‘estar’ no mesmo tempo gramatical, implica a descrição de algo transitório. No pretérito perfeito, porém, o verbo ‘ser’ parece denotar uma situação de longa duração no passado e temporalmente fechada,

concluída, sendo possível delimitar uma duração por meio de um sintagma adverbial. É interessante notar que essa descrição é compatível com a leitura de que Carlos não será mais feliz como fora antes – *Carlos foi feliz e hoje não é mais* – porém não com a leitura de que Carlos continua a ser feliz como fora antes – *Carlos era feliz e continua a ser*. O verbo ‘estar’, por sua vez, parece fazer um corte temporal curto, em relação à situação de felicidade de Carlos, até que aquele breve momento se findou.

No pretérito imperfeito, a oração descreve uma situação em que a felicidade de Carlos parece ter finalizado, mas a situação temporal continua aberta, o que torna a sentença compatível tanto com a asserção de que Carlos não é mais feliz, quanto com a de que possa estar ou ainda esteja feliz: *Carlos era feliz* [e não é mais]; *Carlos estava feliz* [e ainda pode estar]. Nesse caso, não é possível uma delimitação temporal por meio de um sintagma adverbial temporal, como será visto.

Em relação ao uso de adjuntos do tipo ‘em/ por X tempo’ (Lunguinho et al., 2007: 154⁷), identificam-se contrastes em relação ao uso do tempo/ aspecto gramatical: os verbos ‘ser’ e ‘estar’ não admitem uso desse tipo de adjunto no presente. No entanto, o adjunto ‘por X tempo’, é compatível com tanto com o pretérito perfeito quanto com o imperfeito, enquanto o adjunto ‘em X tempo’ não é admitido em nenhum caso. Tal contraste indica que a delimitação pelo tempo/ aspecto gramatical não está acessível no nível da inserção sintática do adjunto, cuja distribuição é determinada pelo aspecto lexical do predicado.

- (76) a. Maria foi feliz por dez anos/ por um dia/ por 5 min.
b. *Maria foi feliz em dez anos.
c. *Maria era feliz em dez anos.
- (77) a. Carlos esteve feliz por dez anos.
b. ?Carlos estava feliz em dez anos.

Percebe-se que uma informação no passado que denota completude circunstancial admite complementos adverbiais iniciadas com “por” (78a), pois destacam a duração já acontecida, terminada e bem delimitada. A preposição “em”

⁷ Lunguinho et al. utiliza-se dessas expressões temporais – *em uma hora*, *às duas horas*, etc. – para verbos acionais, como *começar*, *continuar* e *terminar*. Esta é uma tentativa de usá-los para estativos.

(78b), introduzindo uma delimitação também, demonstra o início de uma ação a partir do fim que apresenta, no caso, dos dez anos. Só depois desse tempo, Carlos passou a estar feliz.

Prosseguindo as análises a partir de adjuntos adverbiais, Camacho (2012) também faz referência à importância desses elementos na distribuição de *ser/estar*. E exemplifica:

- (78) a) [*Siempre que/Cuando*] *María está alegre, todo le sale bien.*
b) [*Siempre que/Cuando*] *María habla francés, lo habla muy bien.*
(79) a) * [*Siempre que/Cuando*] *María es alegre, todo le sale bien.*
b) * [*Siempre que/Cuando*] *María sabe francés, lo habla muy bien.*

Segundo o linguista, a conjunção “quando” restringe o uso do IL (*individual level*), e torna exclusivo o uso de SL (*stage level*). Portanto, as estruturas com ‘estar alegre’ e ‘falar francês’ são situações transitórias e gramaticais, diferentemente de ‘ser alegre’ e ‘saber francês’, que denotam a permanência. Cabe notar que o elemento ‘quando’ e ‘sempre que’ requerem um contexto situacional temporário, equivalente a ‘toda vez que isso acontece’, ou seja, não é uma situação permanente.

Porém, citando Smith (1992), Camacho aponta uma situação em que é possível aparecer o verbo ‘ser’ junto ao elemento ‘quando’, que deveria restringi-lo:

- (80) [*Siempre que/Cuando*] *María es grosera/cruellamable, es bastante grosera/cruellamable.*

O sentido dessa frase descreve uma propriedade temporária, não sendo necessária a troca do verbo ‘ser’ por outro, e também porque é clara a ideia de que Maria age grosseiramente, e de que esta não é uma característica intrínseca a ela.

7. CONTRASTE PORTUGUÊS E ESPANHOL

De acordo com Zagona & Contreas (s/d), em referência a um estudo prévio de Bosque (1999), existem certos adjetivos que se combinam tanto com o verbo ‘ser’ quanto com ‘estar’, porém não permitem complementos no primeiro caso. O autor exemplifica:

- (81) a) Es casado (*con María).
b) Estás casado (con María).

Além de a alternância ser sistemática, existe aqui uma relação com dois tipos de predicação atribuídos a adjetivos de afeição: predicações de indivíduos ou tipos de comportamentos ou formas de atuar. A partir dos exemplos que seguem, as autoras desejam comprovar que o verbo ‘estar’ seleciona uma estrutura mais complexa que a que seleciona ‘ser’. Isso significa que o estativo dito transitório aceita naturalmente possui espaços possíveis de serem preenchidos por complementos adverbiais, por exemplo.

- (82) João **estava** orgulhoso **de seu filho**.

Neste exemplo, ‘orgulhoso’ denota uma predicação de indivíduo. Mas quando se trata de uma forma de atuar, não é possível:

- (83) A forma de atuar de João **era** orgulhosa [***de seu filho**].

Segundo Bosque, os adjetivos que podem se ligar tanto a ‘ser’ quanto a ‘estar’, em sentido temporal ou inerente, tende a não aceitar complemento para o verbo ‘ser’. Seguindo esse raciocínio, é questionado se a questão está em nível semântico ou sintático.

As autoras afirmam o fato de que existem adjetivos que só admitem complementos transitórios ligados a ‘estar’: *Joana está linda hoje* e **Joana é linda hoje*. Resta saber se isso tem a ver com uma condição temporal sintática ou condição temporal semântica. O argumento que defende a condição sintática é a de que o uso de

complementos não adjetivais impede a alternância ser/estar. Veja estes exemplos com locativos e nominais, respectivamente:

- (84) a. *El avión está/*es en Arizona.*
 b. *El Gran Cañón está/*es en Arizona.*
 (85) *Juan es/*está espanhol.*
 (86) *Juan fue/(estuvo) profesor hasta el año pasado.*

A não alternância ser/estar demonstra que a alternância individual/episódico não deriva de traços semânticos dos predicativos (ou das cópulas), mas de distintas categorias sintáticas selecionadas por essas cópulas preposicionais e adjetivais versus nominais.

Os autores atribuem a ‘estar’ uma ligação mais natural com complementos locativos, os quais podem conter em si uma predicação atributiva. Já a projeção estrutural com ‘ser’ é mais simples, uma vez que já estará patente a atribuição de uma propriedade. Essa complexidade do verbo ‘estar’ tornaria possível a aceitação de frases com adjuntos, como já mencionado.

A proposta das autoras é a de que o uso do verbo ‘estar’ com o complemento atribui ao predicado uma interpretação episódica, que é o caso do exemplo em (83b).

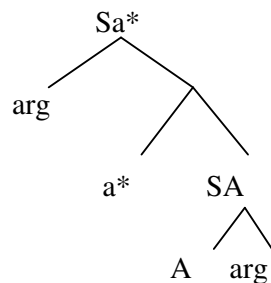
Levando em conta a teoria da projeção de argumentos externo e interno, a partir de um verbo transitivo, propõem que é possível analisar da mesma forma o adjetivo selecionado na frase em questão, conforme indicado a seguir: a categoria a^* seleciona a configuração com o argumento interno e é considerada o núcleo, que atribui a interpretação episódica e, conseqüentemente, possibilita adjuntos temporais. É essa estrutura que seleciona o verbo ‘estar’. Por extensão, considera-se que os adjetivos transitivos seriam sempre interpretados como de estágio, enquanto os adjetivos intransitivos, como de indivíduo.

- (87) $[_{Sa^*} \text{ arg } a^* [_{SA} A \text{ arg}]]$

Desta maneira, a “transitividade” do adjetivo dependerá do verbo estativo a que estiver sintaticamente ligado. E assim as autoras confirmam a (a)gramaticalidade em

(83), em que o adjetivo é compatível com ambos os verbos, e o argumento [*com María*] apenas com o verbo ‘estar’. E entende-se que no espanhol o traço semântico explicitado é transitório. No português, por outro lado, o sentido continua o mesmo. Na verdade, não se trata de estado transitório ou permanente, porém de uma ênfase a uma situação atual de um ser: (83a) seria uma condição intrínseca a *María*, junto a toda linha temporal anterior e posterior ao presente; em (83b) é uma situação atual em relação àquela passada, distinta, e prolonga-se para o futuro. Exatamente neste ponto é a distinção.

Está claro que no português não existe essa agramaticalidade. Isso porque o espaço do predicator pode ser ocupado tanto por ‘ser’ quanto por ‘estar’, concluindo que a mesma complexidade que um possuiria o outro também teria.



Dentro desta representação, considerando a língua espanhola, quando a^* é representado pelo verbo *ser*, automaticamente o A se torna intransitivo, sendo impossível qualquer argumento dentro do sintagma. Isso explica a agramaticalidade no espanhol em (84). Neste exemplo, A não é preenchido, mas apenas o arg. de SA, o que torna a frase agramatical. Porém, o verbo ‘estar’ admite possibilita esse preenchimento.

No português, a categoria a^* , quando preenchida por qualquer um dos dois estativos, a estrutura permanece a mesma, sem que interfira na transitividade do adjetivo, e nem no sentido permanente de casado. As linguistas espanholas afirmam que o uso de ‘estar’ atribui interpretação transitória à predicação, o que não ocorre no português do Brasil. Como foi mencionado, as perífrases de particípio, mesmo em sua função de adjetivar um sintagma nominal, aludem a uma situação de determinado ser, a partir de uma mudança anterior de estado, mas sem que se considere uma mudança futura. Outros sintagmas, como os locativos em (57) e (58), parecem restringir seu uso

devido à mudança de traços no arg. de Sa*, isto é, quando é um ente [+móvel] ocorre a impossibilidade de uso de ‘ser’ em a*. A coisa é [-móvel] não pode ser selecionada por ‘estar’. Percebe-se, portanto, a reestruturação sintagmática que ocorre depende dos traços de item lexical selecionado, seja do argumento interno seja do externo.

Um exemplo do português brasileiro sintaticamente semelhante a este que as linguistas usaram seria o seguinte:

(88) Mariana **é** contente [?com o Ricardo].

(89) Mariana **está** contente [com o Ricardo].

A estranheza em (90) é devido ao sintagma adjetival *contente* e também pode ser explicado pela seleção mais simples da estrutura com ‘ser’, sendo inadmissível complemento e ao mesmo tempo tornando o adjetivo “intransitivo”. Se, no lugar de *contente*, colocarmos *feliz*, as duas frases serão aceitas. Pode existir aqui uma interpretação de que “ser feliz com” significaria “viver feliz com”, o que tomaria uma larga extensão aspecto-temporal, e “estar feliz com”, a questão de ênfase ao estado presente.

Não é citado pelas linguistas como seria a estrutura selecionada por ‘ser’, mas subentende-se que seja apenas a parte [SA]. É bem possível que a complexidade sintática selecionada por ‘estar’ o permita participar de predicções que seriam próprias do verbo ‘ser’, porém não sendo possível ocorrer o contrário. As perífrases são um exemplo disso: com o gerúndio e infinitivo é possível apenas o verbo ‘estar’, e ao lado de participípios, os dois podem participar. E ainda com os locativos fixos, em que no português deveria ser possível apenas o verbo ‘ser’ (agramatical no espanhol), porém o ‘estar’ também participa, como em (86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, demonstramos que as propriedades dos verbos ‘ser’ e ‘estar’ em predicados atributivos descritivos, equativos e locativos não se resumem ao contraste entre o traço [+/-permansivo].

Verificamos, pela análise diacrônica, que originalmente estes verbos selecionavam argumentos como verbos transitivos e intransitivos, além de possuírem valor semântico de muitos outros verbos em relação ao português atual, inclusive de ação e movimento. Isso se refletiu no uso pleno dos estativos ‘ser’ e ‘estar’ no português arcaico, com a interpretação de ‘estar sentado’ ou ‘estar/ficar de pé’, respectivamente.

No português moderno, tais verbos são categorias gramaticais, embora seja possível identificar propriedades sintáticas e semânticas que determinam o ambiente sintático em que ocorrem. Existe exclusividade de ambos os verbos na seleção de determinadas estruturas, como também há predicações que igualam a informação semântica de ambos.

O comportamento desses verbos diante de diferentes sintagmas mostraram as condições sintáticas e semânticas para a seleção desses verbos, explicitando os espaços próprios de cada um os lugares nas frases de possível alternância entre eles, o que normalmente causa alterações no sentido.

Em particular, constatamos que a flexão de tempo tem implicação para a interpretação aspectual desses predicados. Mostramos também que a escolha de adjuntos codificadores da delimitação temporal/aspectual é determinada pelas propriedades do aspecto lexical do predicado, independentemente da codificação do tempo e do aspecto gramatical.

Finalmente, a análise comparativa revela uma pequena distinção entre o português brasileiro e o espanhol, revelando que, embora sejam línguas muito próximas, existem contrastes na distribuição desses verbos, particularmente em contextos locativos e na presença de modificadores do predicado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, Telmo Correia. *Sintaxe-Semântica das construções estativas em português*. Departamento de Linguística da Unesp. São Paulo: Alfa, 1984.

BORER, H. *The Normal Course of Events. Structuring Sense II*. Oxford: OUP, 2005.

BOSQUE, I.; GUTIÉRREZ-REXACH, J. *Fundamentos de Sintaxis Formal*. Ediciones AKAL, Madrid, 2009.

CAMACHO, José. *Ser and Estar: Individual/Stage level predicates or aspect?*. In: The Handbook of Hispanic Linguistics, editado por José Ignacio Hualde, Antxon Olarrea e Erin O' Rourke. UK: Wiley-Blackwell, 2012.

CARLSON, G. *Reference to kinds in English. Doctoral Thesis*. University of Massachusetts, Amherst, 1977.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

_____. *'Derivation by Phase'*. In M. Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Textbooks in Linguistics, 1976.

CUNHA, Luis Filipe Avão Serra Leite da. *As construções com progressivo em português: uma abordagem semântica*. Tese de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal): 1998.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht, Reidel Publ. Comp., 1979.

GARCIA, Janete Melasso. *Introdução à Teoria e Prática do Latim*. 3ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

_____. *Língua latina*. 2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

HOYOS, Balbina Lorenzo Feijóo. *Ser e estar: estudo construtivo espanhol-português*. Alfa, São Paulo, 93-107, 1980.

LE MOS, Cláudia Tereza Guimarães de. *Ser and estar in Brazilian Portuguese with particular reference to child language acquisition*. Tübingen: Gunter Narr, 1987.

LUNGUINHO et al. *Aspectos da Gramática do Português: investigações minimalistas*. D.E.L.T.A, 23 esp., 2007.

MATEUS et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

OLIVEIRA, Fátima et al.. Tempo e aspecto. In MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub (Orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho: 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 50ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 12ª ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SAUTCHUK, Inez. *Prática de Morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática*. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2010.

SCHMITT, Cristina. *Ser and estar: a matter of aspect*. In NELS 22 Proceedings. Amherst, MA: GLSA, 1992.

TENNY, C. *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrecht: Kluwer, 1994.

VENDLER, Zeno. 1957. "Verbs and Times". In: *The philosophical review*. Vol. 66, nº 2.

VERKUYL, H. A Theory of Aspectuality: the Interaction Between Temporal and Atemporal Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ZAGONA, Karen & CONTRERAS, Heles. *Sobre la incompatibilidad entre ser y los adjetivos con complemento*. In: 60 Problemas de Gramática, VIDAL, M. Victoria Escandell, s/d.